

ZEZÉ LEÃO: VIOLÊNCIA, NARRATIVA E MITO

Francisco Chagas O. Atanásio¹

Em memória de Helenice R. da Silva

Resumo: Este artigo busca analisar as produções memorialísticas e as narrativas pelas quais se constituiu historicamente a figura e o mito em torno de Zezé Leão². Personagem presente na vida social e política piauiense, Zezé Leão tornou-se símbolo de violência e terror em uma época marcada pelos conflitos políticos protagonizados entre as principais frentes partidárias no estado na década de 1940: União Democrática Nacional (UDN) e Partido Social Democrata (PSD). Analisamos como as redes discursivas aferem visibilidade à imagem de violência vinculada a sua pessoa. Em torno dessa compreensão, é que nos voltaremos a abordar, os fatos, os mitos, as histórias, “causos”, e memórias que falam de um passado e o representam em meio às incursões do tempo presente.

Palavras-Chave: Zezé Leão; narrativas; memórias; representação; violência urbana.

ZEZÉ LEÃO: VIOLENCE, NARRATIVE AND MYTH

Abstract: This article seeks to analyze the productions of memory and narratives whereby historically constituted the figure and the myth of Zezé Leão. Present character in the social and political life on Piauí, Zezé Leão became a symbol of violence and terror in a moment marked by political conflicts between the main political parties fronts in the state in decade 1940s: National Democratic Union (UDN) and Social Democratic Party (PSD). We analyze how discursive networks create visibility in the image of violence linked to his person. Around this understanding is that we will address, the facts, the myths, the stories, "tales", and memories that speak of a past and represent among the incursions of the present time.

Keywords: Zeze Leão; narratives; memories; representation; urban violence.

¹ Professor Assistente do quadro permanente da Universidade Estadual do Piauí – UESPI/SRN. Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Linha de pesquisa: Cultura e Poder.

² O artigo é fruto da primeira etapa de pesquisa realizada a partir do projeto de tese de doutoramento apresentado à Universidade Federal do Paraná – UFPR, proposto originalmente com o título: “O Lâmpião do Piauí: tensões sociopolíticas e imaginário social do cangaço no estado do Piauí a partir da trajetória de Zezé Leão (1930-1950)”.

Onde estamos? Eu o respondi:

- Olhe, nessa casa comercial, “Rádio Ion”, [Dr. Alberto Galeno], foi o bar do Zé Cazuza. Às 12 horas de uma sexta-feira de 1948, o tenente Wanderley bebia aqui. Ao perceber a passagem de Zezé-Leão, o chamou. Depois de uma ligeira conversa, lembrou-lhe que em certa ocasião tinha-o prendido. Zezé, calmamente, embora entrecortado do insulto, perguntou-lhe se ia demorar no bar. Ele, ufano de autoridade, respondeu-lhe que sim. Zezé, enfatizou:

- Voltarei logo.

Em questão de 20 minutos, o lúgubre estúpido, armado com um revólver 38, mudava o ritmo da cidade. A rádio Pioneira, que funcionava na rua Senador Teodoro Pacheco, aqui, próximo, em primeira mão, divulgou o acontecimento em reportagem exemplar de Carlos Said. No dia seguinte, as manchetes dos principais jornais: “Zezé-Leão mata Tenente Wanderley e foge”.

- Ah, foi assim! Sua fama chegou no Ceará, exclamou Alberto.

Paulo, desta história, aproveitando a deixa, nos contou que seu tio-avô, Cel. Domingos Gomes de Freitas, que residia em Tauá-CE, tinha um criado que era o responsável pela compra de mantimentos da Casa Grande. Segundo seu avô, certa ocasião, o criado, chegando de viagem, já na entrada do município, fez uma ligeira parada numa venda para beber uma pinga. Ao pagar a dose, foi surpreendido, pois já estava paga. Ele então perguntou ao dono da venda o nome do desconhecido para agradecer. Esse, ouvindo, respondeu-lhe:

*- José de Área Leão: a onça sussuarana das matas do Piauí.
- E você, quem é, caboclo?*

Sem bater pestana, que nem um bom improvisador, informou-lhe:

*- Eu sou um cachorro preto da zona do cariri,
acuador de onça sussuarana das matas do Piauí.
E até logo!!!*

Zezé baixou a cabeça, bebeu outra pinga e exclamou:

- muito bem!

Um dos seus seguranças indagou-lhe:

- Pega o homem, coronel?!

E Zezé repreendeu:

- Não. Cachorro que acua onça é respeitado.

Continuamos a caminhada...³

³ Fragmento extraído do relato de Guaipuan Vieira. Para a apreciação do mesmo na íntegra, ver: VIEIRA, Guaipuan. Teresina no Passado. In: **AMLECE** (Academia Municipalista de Letras do Estado do Ceará). Site: http://amlece.blogspot.com.br/2008_04_01_archive.html.

Um trajeto biográfico entre as narrativas e memórias da cidade

Advindos como integrantes da *Comissão de Intercâmbio Cultural de Fortaleza*, em 1996, aportam em Teresina, capital do Piauí, figuras ilustres do cenário intelectual cearense. Dentre elas se encontram o cordelista Guaipuan Vieira, nascido em Teresina, o escritor Paulo de Tarso, e o poeta – e também historiador – Alberto Santiago Galeno. Caminhando pelos domínios centrais da capital, Guaipuan Viera segue descrevendo-a aos seus nobres colegas, avivando sua memória sobre a cidade natal por meio de narrativas que delatavam os acontecimentos históricos pertencentes a cada um dos espaços, casas e ruas pelas quais trafegavam naquele momento.

Dessa forma, a cidade foi se desvelando aos olhos dos forasteiros, sendo apresentada por meio dos fatos que aferiam certos sentidos e significados àquele que a relatara. Discursando com os domínios urbe, o memorialista, filho da cidade, foi demonstrando que ela não era feita apenas de recintos, ruas e dimensões planejadas, mas também de afetamentos, das relações sociais medidas e articuladas com os espaços e os acontecimentos ocorridos no passado, como assim sugeriu pensar a cidade Ítalo Calvino (2003).

Através do evocativo da memória, os eventos que retratavam as histórias sobre Teresina iam ganhando feitura na narrativa do cordelista. Muitos dos fatos descritos eram frutos de uma memória herdada, via a tradição oral, pela qual também foram suplantados os valores, as experiências e o imaginário do grupo social ao qual pertenceu e se fez enquanto conhecedor do passado histórico de sua terra natal.

Em meio ao que era descrito, figuravam histórias de homens ilustres, eventos curiosos, casos corriqueiros, fatos gloriosos e até mesmo tragédias envolvendo indivíduos “obscuros”. O fragmento descrito inicialmente retrata um dos momentos de sua fala em que ele traz à lembrança um crime que chocou a cidade pela audácia e destemor de seu protagonista: o assassinato de um tenente da polícia em plena luz do dia. Caso este – ocorrido em fins dos anos quarenta – reescrito em detalhes de um modo que nos leva a relacionar a perspicácia descritiva do cordelista às palavras do historiador Antônio T. Montenegro⁴, ao falar do narrador/memorialista, que se mostra “um artesão extremamente arguto, cuidadoso, minucioso no seu trabalho de transformar a

⁴ No caso de Montenegro, ele se refere às memórias de um outro narrador que descreve os eventos que cercaram a morte do líder das Ligas Camponesas da Paraíba. Cf: MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

pedra/informação, redescrivendo o cenário da notícia daquele acontecimento trágico” (MONTENEGRO, 2010: 54).

No entanto, o personagem em questão não é lembrado apenas pelo crime que protagonizou, mas também pela fama adquirida para além da capital e do estado. Sua natureza intrépida novamente aparece através de outro “causo”, contado por um dos companheiros de caminhada pela cidade do cordelista, Paulo de Tarso, que aproveitando a “deixa” da situação rememorou as histórias que dele falavam por outras instâncias do sertão. A imagem de Zezé Leão, *a onça sussuarana das matas do Piauí*, por muitas vezes atravessou a fronteira do estado. Em alguns momentos, seus feitos adquiriram visibilidade e corporeidade maiores do que poderiam ou deveriam ter.

Seguindo essa compreensão, se pode afirmar que a insígnia mais marcante associada à sua trajetória diz respeito ao fato de Zezé Leão se converter em um personagem que simbolizou a violência, o medo e a vilania em meio às correlações de força da sociedade piauiense no período em que viveu. Imagem essa incorporada e reproduzida, nas memórias coletivas, narrativas pessoais e na cultura popular em diversos momentos. Entretanto, tais referências não se limitam a apenas a alegorizá-lo por sua infâmia, mas também evocam e se constituem como um itinerário pelo qual se revisita os conflitos políticos, a violência urbana e a formação dos grupos oligárquicos de tal período na região, fenômenos os quais esteve intimamente envolvido.

Este artigo visa abordar as eventualidades, memórias e representações esculpidas em torno de Zezé Leão através das narrativas constituídas em volta de seu perfil. Analisaremos, dentre as redes discursivas, os jornais da época e memórias tanto registradas em materiais escritos como também verbalizadas via a oralidade. No que tange a esta última, tomaremos por foco matricial os fatos narrados a partir das memórias herdadas sobre tal personagem. Ao optarmos por essa modalidade de memória a compreendemos como um caminho possível para se perceber “as formas de durar” que alimentam sua imagem, atravessando gerações, ao tempo em que tendem a adquirir ressignificações enquanto fruto da oralidade, pois certificamos que:

Os objetos transmitidos pela tradição oral não são imutáveis. Canções, ditos populares, rezas, mitos, etc. não são, digamos, produtos intactos disponíveis numa prateleira, os quais podemos escolher... pois é o momento que determina, em grande parte, para que e como algo é narrado (ALBERTI, 2005: 17)

Compreendendo o caráter volátil que a narrativa oral oferece, observamos sugestivas possibilidades ao relacionar tal perspectiva a uma análise histórica que

focalize o estudo biográfico partindo de uma escala reduzível⁵, lançada à trajetória particular de um indivíduo, para seguidamente ampliar seu alcance em meio às demandas relacionais da sociedade. Dessa forma, o estudo biográfico no qual nos fundamentamos não se limita a uma leitura linear de um sujeito absoluto e isolado da sociedade, mas envolto de um plano basilar no qual seus trajetos, seus princípios e valores morais se caracterizavam como sintomas de uma sociedade e os fluxos culturais que a constitui. (HISGAL, 1996)

Giovanni Levi (2006) nos atesta que a biografia seria uma ferramenta de análise metodológica privilegiada para que possamos observar os modos de vida, a bagagem cultural, as normatizações sociais e as contradições que cada grupo compartilha, tomando como desígnio primário o comportamento de um sujeito em particular e a forma como ele interage mediante a proximidade com estas e outras sensibilidades:

A biografia é o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – de liberdade de que dispõe os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições... Há uma relação permanente entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das próprias práticas. (LEVI, 2006: 180)

É a partir de tais proposições que procuramos territorializar esta discussão, estabelecendo uma relação histórica entre sujeito e sociedade. Seguimos esse pressuposto, centrado em uma microanálise, ao compreendermos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre o indivíduo e as múltiplas esferas instituintes dos domínios nos quais se insere.

O perfil de um “homem infame”

José de Arêa Leão – vulgo: Zezé Leão – nasceu em 29 de novembro de 1901 na cidade de Água Branca, região do Médio Parnaíba, centro-norte do Piauí. Filho de um grande latifundiário da região é integrante de uma das famílias mais tradicionais do

⁵ Sobre as noções acerca das “reduções de escala”, ver: REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

estado: a família Arêa Leão. Seus irmãos, primos, tios, e parentes próximos ocuparam espaços de visibilidade política, compondo assim um ciclo oligárquico em torno do nome Arêa Leão. Desde sua infância morou numa localidade de Água Branca, São Pedro, na qual seu pai era um dos principais proprietários de terra e figura de intocável autoridade local.

Foi na fazenda “Paraíso” onde Zezé recebeu uma criação à sombra de um regime patriarcal e autoritário, bem comum ao modelo patronal das famílias tradicionais do nordeste nesse período⁶. Sua trajetória torna-se um sugestivo indicativo para traçar determinado itinerário pelos conflitos sociais e políticos da época, pois, ao se pensar pelas ponderações de François Dosse (2004), entendemos que um indivíduo acaba por expressar certos traços e aspectos da sociedade em que viveu.

Sobre os conflitos sociopolíticos na esfera local, a década de 1940 se destaca como um momento de fremente potencialização da cultura de violência no estado do Piauí e, concomitantemente, o período em que os crimes de Zezé lhe proporcionaram substantiva notoriedade aos olhos da esfera pública. Contudo, não podemos pensar que esse seria um momento de operacionalidade singular a respeito dos atos de Zezé Leão. A feitura de uma imagem temerosa, “respeitada” e intrépida foi gestada anos que antecedem tal período.

Esses momentos se encontram mencionados em memórias e histórias que proporcionam maior aterramento à figura de homem maldito, violento e combativo que Zezé incorporou. Em meio a esta perspectiva, é possível, inclusive, nos deparar com olhares desviantes que alardeiam diminutamente outro sentido ao seu passado.

Por esse prisma, podemos afirmar que, ironicamente, as primeiras referências históricas sobre Zezé Leão não remontam em exato a imagem marginal na qual sua identidade foi cristalizada historicamente. Ao contrário disso, os primeiros referenciais históricos retratam as ações de Zezé Leão ataviadas por aparentes atos de “honradez”. Nesse sentido, citamos como exemplo um momento extremamente marcante para se perceber essa caracterização a sua participação no processo de reorganização política no estado do Piauí com a Revolução de 1930.

Idealizada pelos segmentos capilares da Aliança Liberal, a Revolução de 1930 tinha como proposição ideológica destituir os grupos oligárquicos vigentes no poder e

⁶Sobre a estrutura familiar do modelo patriarcal no nordeste nas primeiras décadas do século XX, ver: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Os nomes do pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades – um diálogo entre três homens. In: _____. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

estabelecer um regime democrático e regular em todo país. No entanto, como afirma Ítalo Tronca (1986), a revolução em sua prática se caracterizou pela substituição das oligarquias que se encontravam no poder por outros grupos oligárquicos, os quais, encorajados por um chavão revolucionário, apoiaram o movimento. Consonante à tese de Tronca, os estudos de Francisco Alcides Nascimento (1994) demonstram que no Piauí não ocorreu nenhum deslocamento contrário a essa constatação, havendo, em práxis, a substituição de uma estrutura oligárquica por outra.

Foi justamente a oligarquia formada pela família Arêa Leão que se destacou primeiramente nesse processo de transição política, uma vez que o comandante da marinha no Piauí, Humberto de Arêa Leão – tio de Zezé – era um dos líderes da revolução no estado ao lado do ex-governador e presidente da Aliança Liberal no Piauí, Matias Olímpio, e do coronel Vaz Costa. De acordo com os estudos de Alcides Nascimento, a Aliança Liberal no Piauí resolveu organizar grupos armados, células de confronto espalhadas estrategicamente por todo o estado. Dessa forma, “estourando a revolução bastava convulsionar o estado, fazendo levantar, em diversos municípios, grupos armados que marchariam sobre a capital.” (NASCIMENTO, 1994: 55)

O processo ocorreu efetivamente em 04 de outubro de 1930, tendo Humberto de Arêa Leão como interventor e posteriormente governador do estado, e seu irmão, Raimundo de Arêa Leão, como prefeito da capital. Zezé Leão recebera patente do alto escalão da brigada militar, sendo nomeado capitão dessa brigada. Consequentemente, em janeiro de 1931, ocorreu um cisma interno entre os líderes do movimento, principalmente entre Vaz Costa e Humberto Arêa Leão. Esse conflito de interesses afetou diretamente a oligarquia dos Arêa Leão no poder do estado e, com isso, Zezé foi destituído do cargo.

Tal momento também apontaria uma nova fase em sua trajetória, marcada por uma sangrenta luta por posse de terras. Pouco se conhece a fundo desse período, a não ser narrativas dispersas. No ano de 1998, o jornalista Arimatéa Carvalho, em um dos raros escritos sobre a trajetória de Zezé Leão, dedica uma página do jornal “Meio Norte” para traçar um breve histórico sobre o perfil e os feitos desse personagem. Nele, são apontados alguns indícios do conflito.

A origem de sua fama de cangaceiro e matador está num conflito de terras envolvendo sua família, os Arêa Leão, e o coronel José Liberato, outro grande latifundiário da região do município de São Pedro – que depois daria origem a um punhado de cidades como Água Branca, Hugo Napoleão e

Miguel Leão (homenagem ao mais velho dos quatro irmãos homens da família). A briga entre os Arêa Leão e Liberato pela posse de terras se alastrou por mais de uma década no interior do Estado. Foi o conflito armado que provocou o aparecimento do bando de jagunços, profissionais contratados para executar "serviços" e proteger as fazendas. Zezé Leão e seu bando ficaram famosos por se empregarem a essas ações. (CARVALHO. In: Meio Norte. Teresina, 09 ago.1998).

Na menção de Arimatéa Carvalho, percebemos que os conflitos por posse de terras em que esteve envolvido no interior do estado subsidiaram um momento pelo qual a imagem de Zezé ostentou grande fama na região. De acordo com o jornalista, foi nesse conflituoso contexto que Zezé Leão se defrontou com a atribuição imagética mais comum à sua pessoa: aquela que o associa ao cangaço. Tal imagem adquiriu intensidade, sendo que Zezé ficou conhecido na época como “O Lampião do Piauí”⁷; alcunha que se revela uma notória alusão a Virgulo Ferreira da Silva o maior expoente do cangaço.

Representações do cangaço e outras simbologias em torno de Zezé Leão

De fato, a imagem do cangaço é o evocativo maior que permeia a pessoa de Zezé Leão. Mesmo destoando dos aspectos históricos que sintomatizam o cangaceiro como um bandido social⁸, a referência a tal imagem se fez quase como uma espécie de substantivo próprio vinculado a sua pessoa. Entre os relatos orais que tocam em tais aspectos, destacamos as palavras do senhor Antônio Pedro da Silva, filho de um dos empregados de Zezé Leão. O entrevistado em questão faz uma retratação breve do perfil de Zezé. Percebe-se, em sua menção, que a imagem do cangaceiro é “reiterada” a partir de alguns apontamentos:

Com os dele ele era bom, não mexia. Agora, se o santo não batia, se fosse do outro lado, ele não tinha pena. Vivia que nem um cangaceiro, armado, botando gente pra correr, fugindo dum lado pro outro. Meu pai, que era empregado do pai dele e depois também trabalhou pra ele lá nas terras, nunca faltou com respeito. Mas seu Zezé dava medo, minha mãe mesmo evitava de andar por lá, ainda mais quando ele bebia (SILVA 2011).

A vida como errante marca na memória do entrevistado os elementos que reforçam sua afirmativa sobre a condição de cangaceiro que Zezé afamava. Mesmo

⁷O LAMPIÃO do Piauí. Zezé Leão, uma vida de crueldade. Jornal **O Piauí**. Teresina, 08 agosto de 1947: p.02.

⁸A respeito da discussão, ver: HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

falando da suposta “bondade” do patrão de seu pai, não escondeu o sentimento de temor que Zezé proporcionava a ele e sua mãe. Nesse aspecto, percebe-se que, para o narrador, a violência e a “macheza” demarca o ponto matricial para que Zezé Leão fosse considerado cangaceiro.

Uma concepção imaginária que permeia e exalta seu papel e, em especial, o lado aguerrido também ganham destaque nos escritos populares que versam sobre sua pessoa. Abaixo, observamos a emergência de tal concepção nas palavras do cordelista Lucas Estefano, que, agregando a tais compreensões, relaciona a trajetória de Zezé Leão à de Lampião:

No Pernambuco, Lampião,
No Piauí, Zezé Leão.

O medo em suas jornadas?
Só de emboscada e traição
Bebiam no mandacaru da caatinga
Comiam calango e até gavião

Saídos de famílias de bem
Conhecidos em todo o sertão
Lutavam de dia e de noite
Em busca da emoção

Mas no peito sentiam o açoite
Causado pela paixão
Maria Bonita e Olinda
Despertavam esse vulcão

E Se o bicho fosse pegar
Virgulino, acendia o LAMPIÃO
E ZEZÉ sossegava o LEÃO

Nem que fosse no tapa ou na pólvora
Ou no gume do amolado facão (ESTEFANO, 2012)⁹

Diferentemente do testemunho oral, os versos do cordel aqui enunciados oferecem uma caracterização épica aos feitos e à trajetória de Zezé Leão. Traçando uma relação paralela com Lampião, a imagem de cangaceiro vai sendo modelada sobre um olhar que privilegia a natureza combativa de ambos, o destemor que sentiam contra tudo e todos, os deslocamentos de seus ninhos familiares em busca de aventuras pelas tramas desconhecidas do sertão, a escolha pela errância, de viver como livres passarinhos. Por outro lado, Zezé Leão e Lampião, homens viris, destituídos de qualquer vacilo, são

⁹Verso extraído do Portal Hoje. Para conferir o mesmo, ver: ESTEFANO, Lucas. **O temido Zezé Leão**. In: março de 2012. Site: <http://v1.portalhoje.com/tag/zeze-leao>

humanizados na narrativa do cordelista através da paixão ardente que exalavam por suas amadas: Maria Bonita (Lampião) e Olímpia (Zezé Leão). Porém, o sentimento insigne que demonstravam por elas não encobria o movimento enérgico e tenaz adotado quando *o bicho fosse pegar*.

Esta representação do indivíduo viril e destemido situa-se de maneira constante nas narrativas locais. A imagem do “valentão” sem limites ganha notoriedade nas mais curiosas histórias e adquire reprodução em distintos registros discursivos. Outro exemplo desta assertiva é possível de ser notado em meio às produções de um dos maiores trovadores e poetas da cultura popular piauiense na primeira metade do séc. XX: o violeiro da cidade de Altos – ao norte da capital – Zé da Prata, artista famoso por englobar em seu cancionário histórias e “causos” envolvendo personalidades famosas da sociedade piauiense.

Em um trabalho de “resgate” dos escritos desse personagem da cultura popular local, o pesquisador Carlos Alberto Dias publicou em 2011 a obra “Prata de lei”, uma coletânea com os “causos” e “trovas” de Zé da Prata. Dentre os escritos, se destaca os versos de um suposto encontro entre Zezé Leão e Zé da Prata. Deste “causo”, conta-se que Zezé Leão teria ido à presença do artista, que entoava sua cantoria e versos a certo público. Sem qualquer cerimônia, Zezé o teria interrompido e dado a incumbência de improvisar um verso em forma de repente ofendendo todos os presentes, chamando-os de “cornos”.

Constrangido com a situação, Zé da Prata se fez hesitante alegando que as pessoas ali poderiam se afrontar. Zezé então insistiu veementemente, já demonstrando certa irritação com o cantador, que, sem titubear, decidiu improvisar o inusitado pedido, lançando as seguintes palavras ao público:

Se mandar cantar, eu canto;
Pois eu sou improvisador.
Pois aqui só não é corno.
Seu Zezé e o cantador;
O resto tudo tem chifre
Seja lá quem ele for. (ZÉ DA PRATA *apud* DIAS, 2011: 34)

Ao término dos versos, Zezé Leão demonstrou insatisfação por Zé da Prata não seguir fielmente sua incumbência e ter isentado ele mesmo e o valentão de serem cornos. Em seguida, Zezé deu um ultimato ao cantador dizendo que dessa vez deveria chamar a todos os presentes, inclusive eles dois, de cornos em seus versos. E assim o cantador o fez:

Aqui só existe corno,
 Corno vai, corno vem;
 Quem tá chamando aqui é corno
 Quem tá mandado é corno também
 E se gritar: pega o corno
 Aqui não fica ninguém (ZÉ DA PRATA *apud* DIAS, 2011: 34)

Fala-se que após o recitar dessas palavras Zezé Leão o cumprimentou, pagou uma cachaça e a partir daquele momento alimentou grande amizade com o cantador. Outras narrativas que se dimensionam na instância do “mito” – como os versos descritos acima – nem sempre apelam para uma dose de bom humor. Ao contrário disso, muitas das reminiscências que referenciam o lendário Zezé Leão são adornadas por falas que potencializam uma temerosa e medonha crueldade. É o que ocorre em alguns pontos narrativos de determinadas abordagens memorialísticas, como as que são lembradas por Raimundo Conceição Ribeiro, vizinho da família, quando seus parentes próximos moraram em Teresina. Sua fala remonta algumas lendas que povoam imaginário sobre os feitos do temível personagem:

Diziam que ele tinha o corpo fechado, também ouvia falar que onde pisava não nascia mais nada. O pessoal dizia que Seu Zezé era tão mal que uma vez ele pegou uma criança pequena, recém-nascida, mole ainda e aparou ela na ponta da faca. Moço, era tanta história que a gente nem sabia mais qual era verdade e qual era mentira (RIBEIRO, 2012).

Do mesmo modo, o Jornalista Arimatéia Carvalho também descreve alguns mitos que adquiriram corporeidade na memória popular e que constituem o caráter vil e demonizante que lhe é atribuído:

Conta-se que, no final da tarde, ele sentava-se no alpendre do casarão da fazenda Altamira, em São Pedro, e escrevia seu nome na fachada do imóvel usando o revólver. Embora seja difícil imaginar tamanha destreza com um revólver a ponto de desenhar letras com rajadas de balas, a história correu o Estado e hoje é contada como verdade. Em outro episódio, Zezé Leão viu um negro assoviando e perguntou qual era a música. "É Asa Branca", respondeu o negro. O valentão mandou o rapaz assoviar até inchar os lábios e depois disse para ele ir embora. Quando o negro ia cumprir a ordem, Zezé o matou com sete tiros de revólver. Segundo a tradição popular, Zezé teve as duas orelhas arrancadas e penduradas num cercado, antes de ser morto, em 1956. Mas a versão oficial não registra o fato (CARVALHO. In: Meio Norte. Teresina, 09 ago.1998).

Como indicia na menção supracitada, até a morte de Zezé Leão ganha destaque entre os episódios lendários que atravessaram seu corpo. O mesmo jornalista relembra

que quando foi morto pela polícia, além de ter as *orelhas arrancadas e penduradas num cercado*, alimentou-se, através de boatos, a pavorosa informação de que Zezé teria sido entregue à família em picote – retalhado – com seu corpo dentro de um saco.

Outra versão curiosa dos contos populares que permeiam o triste fim de Zezé Leão é mencionada pelo dramaturgo, advogado e escritor Zé Afonso, estudioso da década de 1940 no Piauí. Em entrevista cedida para este estudo, ele “refaz” a narrativa que ouviu de um parente próximo ao personagem a respeito de um suposto ocorrido em certa ocasião:

...Ela contava uma cena que achou muito terrível: quando mataram ele, em uma emboscada, trouxeram e jogaram o corpo dele em frente ao lugar que hoje é o Centro de Artesanato. Então uma mãe veio com um garfo pra furar os olhos dele. A coisa que ele tinha de mais bonito eram os olhos. Tinha olhos belíssimos, verdes ou azuis, eu não sei dizer ao certo... e essa mãe, que ele tinha matado o filho, foi lá furar os olhos dele de raiva... No cemitério São José, toda vez que colocam os olhos no Zezé Leão, alguém vai lá e tira. Lá na sepultura dele. Se pintarem alguém vai lá e raspa...¹⁰

Essa versão se destaca pela ímpar conotação simbólica que carrega em comparação aos demais “causos” narrados. Primeiramente, o que nos chama a atenção se relaciona à mácula que o corpo já sem vida de Zezé sofre na investida de uma mãe revoltada com a perda do filho que ele matou. Corroída pelo ódio, ao se defrontar com o corpo do carrasco de seu precedente, ela se vê em posse do sentimento de vingança e de imediato o deságua sobre o que restava do facínora. Mas o ataque ao cadáver do algoz não se faz de qualquer modo. O narrador indica que a mãe veio *com o garfo pra furar os olhos dele...* Logo em seguida ele – o narrador – reforça que *a coisa que ele tinha de mais bonito eram os olhos*. Não era apenas vingar o filho, mas também deformar o “monstro”, tirar sua beleza, enfeiá-lo, ceifar aquilo que lhe fazia belo, desencantá-lo.

Zezé, morto, destituído da beleza de seus olhos, teria sido enterrado no cemitério São José, o mais popular da capital. Entretanto, o narrador mais uma vez ressalta: *toda vez que colocam os olhos no Zezé Leão, alguém vai lá e tira*. Seu corpo carregaria uma certa “maldição”, como se esta fosse lançada pela mãe revoltada: a mácula em seus olhos, agora sem qualquer beleza, continuaria. Quando esses voltassem em imagens e memórias, seriam arrancados por alguém. A deformação do algoz, o monstro, o *homem infame*, seria um castigo flagelo constante que atravessaria tempos imemoriais.

¹⁰ AFONSO, José. *Entrevista cedida à Francisco C. O. Atanásio*. Em 20/07/2013.

Estes discursos se caracterizam, notoriamente, por se constituírem em um campo marcado de simbologias. Isso faz com eles sejam compreendidos a partir de uma perspectiva ficcional. Embora possamos questionar o caráter verossímil de tais atribuições, elas não deixam de ofertar determinada compreensão em torno do indivíduo ao mesmo tempo em que destacam o exercício operacional que as memórias e demais redes enunciativas oferecem, convertendo-se em possibilidades para lançar mão dos sentidos e significados que as compõe enquanto narrativas.

Por todas as características apresentadas, a memória, em especial quando organizada em narrativa, possui uma dimensão simbólica, que a leva rapidamente a desprender-se, a descolar-se do concreto, para alçar vôos próprios. Todos os seres vivos conhecem essa dimensão simbólica da memória... um detalhe remete a uma história, que remete a outra, que remete a mitos, a tempos imemoriais e depois retorna até nós, no presente. O simbólico expõe as relações entre as diversas culturas, espaços e grupos sociais pelos quais a narrativa transita; é justamente ele que permite à narrativa, sem perder o fio condutor, libertar-se das amarras do real para aventurar-se, em liberdade, pelos caminhos do imaginário. (AMADO, 1995: 134).

Em nossa concepção, as narrativas que produzem uma dimensão imaginária sobre Zezé Leão atendem a uma dupla finalidade: de ordem cultural e de ordem social, ambas indissociáveis.

No que trata à finalidade de ordem cultural, ou popular, entendemos que as narrativas proporcionam vivacidade a um personagem do folclore e da história local, permeado de um plano imaginativo, que por muitas vezes subverte as dimensões da “realidade”, ou seja, do factual. É no cerne de tais simbologias que Zezé encontra durabilidade nas memórias, adquirindo ressonância e existência através da tradição oral.

Em relação à finalidade de ordem social, entende-se que as narrativas em torno de Zezé Leão são embrionadas a partir de um contexto sociopolítico no qual a cultura de violência subsidiou tais simbologias. Por esse fato, estas elas devem ser pensadas não apenas sobre um caráter alegórico, mas também como pontos de partida para se perscrutar o momento, as correlações de forças, e a ordem social na qual Zezé estava inserido. Em outras palavras, devemos pensar a que grupos estava ligado, como atuava, como servia. Enfim devemos indagar: como se gestou um regime histórico que fomentou determinadas representações sobre o personagem Zezé Leão?

Para isso, nos propomos a descrever e analisar um caso-limite, no qual Zezé Leão protagonizou um papel marcante. Esse caso está intimamente ligado a um dos

acontecimentos mais cruéis presentes na história da capital e do estado: os incêndios criminosos na década de 1940, envolvendo as principais elites político-partidárias.

Zezé Leão e suas desventuras pela “terra maldita”

A década de 1940, no estado, foi marcada por uma intensa série de atritos, capitaneados pelas principais frentes partidárias locais: a UDN (União Democrática Nacional), o partido da oposição, e o PSD (Partido Social Democrata), o partido da situação no governo. A relação de animosidade entre tais grupos ganhou proporções tão nebulosas que demarcavam espaços de convívio e diálogos entre os indivíduos. Em meio aos inúmeros conflitos e disputas protagonizados por tais grupos, os incêndios criminosos adquiriram expressiva notoriedade.

A respeito desses acontecimentos, podemos afirmar que os incêndios, sobrevivendo na capital, atravessaram praticamente toda a década, porém, de acordo com as proposições da pesquisadora Raimunda Celestina Mendes, “os incêndios eram constantes na cidade e, na década de 1930, a imprensa já noticiava a ocorrência deles na capital” (MENDES, 2002: 318)¹¹. Em pesquisa seminal sobre a temática, Francisco Alcides Nascimento indica que o agenciamento de tais atos encontra seu ponto máximo nesse período quando estiveram relacionados a um discurso modernizador do espaço urbano encabeçado pelo poder público (NASCIMENTO, 1994).

O processo de modernização das capitais brasileiras foi fruto de um discurso político intensamente difundido no Brasil na primeira metade do século XX. A ideia do espaço urbano modernizado inseria-se dentro de uma proposta vigente em vários pólos regionais. O ideal de reelaboração do espaço citadino, focado em uma nova perspectiva estética, teria sido incorporado como uma proposta de vanguarda, importada dos ventos europeus, que, do mesmo modo, passava por uma forte tendência de sofisticação da esfera urbana, (EKSTEIN, 1991). Essa proposta rumo ao Brasil no início do século XX como um mecanismo simbólico – dentre outros – elaborado para captar o imaginário

¹¹Deve-se ressaltar que, de acordo com a autora, esses incêndios ocorriam associados a vários motivos: a grande quantidade de casas de palha, a estiagem, acidentes e até mesmo incêndios propositais visando alguns benefícios que o estado proporcionava aos que tinham suas casas incendiadas. Sobre o histórico dos incêndios em Teresina, ver: MENDES, Raimunda Celestina. A cidade incendiada: uma visão histórica e literária dos incêndios de Teresina. In: **Scientia et spes**: revista do Instituto Camilo Filho. Teresina: IFC. Vol.01, nº2. 2002.

social envolto do novo regime¹², visando evidenciar um cenário de distinção emergente à nação através república.

Os ventos da modernização também ecoaram junto à capital do Piauí, nutrindo, principalmente, uma política de assepsia à cidade. Por esse fato, as casas cobertas de palha – em significativa quantidade não só na periferia, mas também nos setores centrais do núcleo urbano da capital – deveriam ser apagadas da paisagem geral de Teresina para que a mesma pudesse aspirar aos ares de uma cidade modelo no meio-norte brasileiro. Pela perspectiva de Alcides Nascimento, essa percepção de modernização estava não apenas associada à reformulação estética do espaço urbano, como também a um suposto exercício de “higienização” empregada pelo estado.

A idéia de afastar as casas de palha das proximidades da zona central está relacionado ao discurso de modernização da cidade... A ordenação da cidade passa por sua “limpeza”, e se as casas de palha enfeiam-na é necessário que o poder do estado e municipal tome as medidas necessárias. (NASCIMENTO, 1994: 218)

A prática incendiária, nesse contexto, para além de *uma medida necessária*, seria também um dispositivo radical e violento usado para que as casas de palha fossem evaporadas nas cinzas do fogo criminoso. Alinhadas a tal prática, outras eventualidades vão ocorrendo como atos de “assessoramento” dessa medida: tortura e repressão policial a “falsos” incendiários, mortes de famílias e de crianças recém-nascidas (carbonização) e uma verdadeira guerra de trincheiras político-partidárias entre as principais células rivais no estado – PSD X UDN – que se acusavam publicamente.

Uma das características mais marcantes das tensões entre as frentes político-partidárias nessa época estava relacionada à divulgação mássica de ataques ferozes ao partido opositor. Para tanto, ambas as frentes contavam com o intermédio de veículos da imprensa local, os quais eram ajudados financeiramente pelos partidos para manter a circulação. Nos levantamentos empíricos feitos para a pesquisa, foi possível se constatar que os jornais em que ocorria mais claramente esse confronto de acusações eram o “Diário do Piauí” (endossado pelo PSD) e o jornal “O Piauí” (endossado pela UDN). Notícias de toda ordem – de foro pessoal e público – eram publicadas cotidianamente. Os assuntos variavam: iam desde banalidades (traições, bebedeiras, bate-bocas, calotes),

¹² Ver: CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

até casos mais delicados para a esfera pública (acusação de roubos, assassinatos, tortura a civis, etc).

A relação de animosidade entre esses grupos adquiria uma substantiva intensificação de acordo com a frequência dos incêndios. Por meio dos jornais supracitados, os partidos se acusavam reciprocamente dos incêndios criminosos que já se alastavam pela cidade. No auge desse conflito, Zezé Leão aparece como um suposto “mandado” para “silenciar” e “avisar” sobre o eventual perigo que os adversários da oposição – UDN – poderiam sofrer com sua presença. O jornal “O Piauí”, acusava o governo de organizar os incêndios e de contratar “profissionais”, até mesmo a polícia, para incendiar as casas de palha. Nas manchetes do jornal se noticiava nomes de pessoas ligadas ao governo, casos de perdas eram descritos minuciosamente.

A rotina de denúncias da oposição sofreu seu maior contragolpe quando na madrugada do dia 23 de outubro de 1946, o “temido” Zezé Leão liderou um bando de jagunços armados e invadiu o Jornal “O Piauí”, promovendo um verdadeiro “empastelamento”, quebrando máquinas, misturando papéis, com a intenção de incendiá-lo logo em seguida. O vigia Miguel Pedro reconheceu o líder dos malfeitores e ameaçou denunciá-lo à polícia, saindo às pressas da sede do jornal rumo à delegacia. De imediato, Zezé Leão, que fora reconhecido, sacou sua *bayard*, calibre 32, e disparou três tiros contra o vigilante que, atingindo pelo impacto das balas, foi ao chão. Em seguida, o impiedoso algoz aproximou-se do vigilante, que agonizava sucumbido, e o esfaqueou brutalmente tirando sua vida em plena rua, frente ao jornal, nas proximidades do centro da cidade.¹³ O jornal “O Combatente”, do Maranhão, mencionou que:

o cangaceiro Zezé Leão teria sido contratado por representantes de um partido político – PSD – para incinerar o jornal o qual empregava, frequentemente, severas críticas e denúncias aos seus representantes que se encontram à frente do governo do estado. Por meio desse ato, a cúpula pessedista queria silenciar as constantes denúncias feitas sobre a autoria dos incêndios criminosos ocorridos na cidade verde (O Combatente. São Luís, 02 nov. 1946: 03.).

A partir desse fato, houve um verdadeiro mapeamento sobre os percursos traçados por Zezé Leão. Seu passado seria exumado para subsidiar a caracterização de um verdadeiro “facínora”, como os jornais da época o mencionavam. Iriam fazer um levantamento sobre sua família, os crimes, as mortes, enfim, os conflitos em que esteve envolvido no interior do estado, os quais lhe deram visível fama. O crime de 23 de outubro de 1946 seria também usado como marco referencial para pincelar certa

¹³Ver: **Diário Oficial**. Teresina, 28 jan. 1949.

paisagem demarcada pelo caos instaurado na capital do Piauí, o momento em que a cultura de violência no estado iria adquirir visibilidades em maiores instâncias:

A todos os recantos do país chegavam à notícia de vandalismo e de cangaço, de que era teatro a infeliz, escura e carbonizada Teresina e que constituem agora no assento obrigatório nas rodas, nas palestras, nas estações de rádios, e nos jornais. “La Pensa”, Buenos Aires, acrescentou imediatamente em suas folhas uma nota relatando o fato criminoso e o atentado à liberdade de imprensa. Estamos vivendo dias escuros; a cidade está entregue aos leões, o cangaço reina solenemente punindo todos aqueles que se opõem ao fascismo dos mandatários locais e as famílias pobres morrem queimadas. (O Piauí. Teresina, 31 outubro de 1946: 03)

O fragmento hemerográfico acima, extraído do jornal “O Piauí”, procura sintetizar, em meio a uma tonalidade desesperadora e pessimista a atmosfera gerada na capital. Vemos nessa passagem uma série de noções que denotam produções de sentidos agregados a percepções hasteadas em meio a uma tonalidade funérea. Trechos como *a infeliz, escura e carbonizada Teresina, vandalismo e cangaço, a cidade está entregue aos leões, fascismo dos mandatários locais, famílias pobres morrem queimadas*, procuram ajustar (in)diretamente as ações de Zezé Leão junto aos incêndios criminosos ocorridos na época.

Assim como na escrita informativa jornalística, vemos também essa convergência associativa em outras expressões narrativas; é o caso das produções poético literárias da época. De um modo geral, percebemos que, no Piauí, os jornais publicavam regularmente narrativas poéticas que procuravam tematizar questões que tratavam do cotidiano, da cultura e da política local, fabricando uma espécie de representação dos fluxos sociais emergentes no período. Nesse contexto, Anísio Brito publica o poema “O canto da terra maldita”, o qual expomos seu fragmento a seguir:

...Este é o poema negro da terra maldita
 um poema que ferirá ouvidos delicados
 porque é negro como a noite horroríssima do crime
 e rubro como as rubras labaredas dos incêndios.
 Mas eu não pude mais abafar essa revolta íntima
 e este protesto imundo lido em todas as faces.
 E por que senti no peito uma angústia pesada
 como se fosse a angústia de milhões;
 nasceu este grito no fundo da noite
 como se repetisse o grito de um esfaqueado;
 nasceu este grito no seio das sombras
 no seio da noite de fogo e de crime
 à terra explorada, mendiga de luzes
 à terra oprimida, mendiga de pão

à terra enganada, mendiga de esgoto
mendiga de água, mendiga de tudo.
Nasceu este grito no seio das sombras
no seio das sombras da terra sem luzes
enquanto, alta noite, transidas medo
famílias despertavam aos tiros do cangaço...
Porque esse grito, nascido das sombras,
no seio das sombras da terra sem luzes,
corneta de alerta soando da noite, alarme voando no som do clarim,
apito estridente de um barco perdido,
vagando sem rumo na noite sem fim
se destina a acorda o povo que ainda dorme,
porque é preciso acordar o povo que ainda dorme. (BRITO, Anísio. O
Piauí. Teresina, 15 nov. 1946: 03)

Observamos que nesse poema o autor procura relacionar as tensões e os crimes da época por meio de uma escrita figurada em dramaticidade, denúncia e protesto. No cerne dessas produções imagéticas e discursivas, Zezé Leão foi incorporando o espectro sombrio daquele ao qual Michel Foucault (1992) chamou de *homem infame*. Um sujeito a ser representado enquanto entidade trágica, abjeta, insólita e desprezível; um indivíduo condenado, nos canteiros da memória, ao ostracismo em um limbo escuro e nefasto do qual nunca deveria sair. Alguém credenciado por tais desígnios dificilmente interessaria a uma história cortesã, louvaminheira, voltada a exaltar os feitos épicos de homens ilustres, estadistas, heróis do passado¹⁴, como assim fora proposto pela *escola rankeana*, do século XIX¹⁵. Só através de uma história propensa à margem, ao que se encontra *fora*, encoberto pelas sombras, que sua trajetória seria possível de ser traçada. Uma história gerida e pensada ao periférico, àqueles que, sendo malditos, vivem na penumbra dos desertos tristes; desertos de vidas secas, vazias e inertes.

É justamente por ele situar-se na esfera da marginalização que nos deparamos com determinadas potencialidades. A partir de sua trajetória, encontramos um vetor para também incursarmos por um momento de conflitos e embates sociais no estado do Piauí em tempos de outrora, um período fértil e significativo para se observar como determinadas tensões, oriundas das relações – e disputas – de poder, afetaram a sociedade local e como essas mesmas tensões foram expostas em tal contexto.

Fazendo uma “redução de escala”, seguindo as proposições de Lepetit (1996), focamos os roteiros de um sujeito em particular, não para essencializá-lo como síntese plena de uma época, enquanto sujeito atuante desses embates, mas como vetor indiciário

¹⁴Sobre uma crítica à história “oficial”, relegada aos “grandes homens”, ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

¹⁵Sobre tendências historiográficas, ver: REIS, José Carlos. **História: entre a filosofia e a ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

e emergente às questões concernentes no seio desses conflitos. Por esse fato, podemos dizer que a trajetória de Zezé Leão pode ser pensada não apenas como objeto de análise, mas também como substantivo objeto pré-textual para exercermos uma leitura das dimensões culturais, políticas e cotidianas, da sociedade piauiense em um dos períodos mais violentos da história do estado.

REFERÊNCIAS:

Bibliografia consultada

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 8. jan-jun. 2005.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: EDUSC, 2007.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *Projeto História*, nº 14, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p.125–136.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 1994.

DIAS, Carlos Alberto. *Prata da lei*. Altos: Prefeitura de Altos, 2011.

EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*; Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

HISGAL, Fani (org.) *Biografia: sintoma de uma cultura*. São Paulo: Hacker/ Cespuc, 1996.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: Revel, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MENDES, Raimunda Celestina. A cidade incendiada: uma visão histórica e literária dos incêndios de Teresina. In: *Scientia et spes: revista do Instituto Camilo Filho*. Teresina: IFC. Vol.01, nº2. p.318. 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. *A Revolução de 1930 no Piauí (1928-1934)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REIS, José Carlos. *História: entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

TRONCA, Ítalo. *Revolução de 1930: a dominação oculta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Jornais

A liberdade. Teresina, 03 jun. 1934.

O Combatente. São Luís, 02 nov. 1946.

O Piauí. Teresina, 31 out. 1946.

O Piauí. Teresina, 15 nov. 1946.

O Piauí. Teresina, 08 ago. 1947.

Meio Norte. Teresina, 09 ago. 1998.

Documentação judiciária

Diário Oficial. Teresina, 28 jan. 1949.

Entrevistas

SILVA, Antonio Pedro da. *Entrevista cedida à Francisco C. O. Atanásio*. Em 15/10/2011.

RIBEIRO, Raimundo C. *Entrevista cedida à Francisco C. O. Atanásio*. Em 05/03/2012.

AFONSO, José. *Entrevista cedida à Francisco C. O. Atanásio*. Em 20/07/2013.

Internet

Academia Municipalista de Letras do Estado do Ceará (AMLECE):

http://amlece.blogspot.com.br/2008_04_01_archive.html Acesso em 23/11/2011.

Portal Hoje:

<http://v1.portalhoje.com/tag/zeze-leao> Acesso em 03/05/2012.

Artigo recebido em 30/8/2013

Artigo aceito em 18/12/2013